

PERMEANDO DIMENSÕES DE UM ESTÁDIO DE FUTEBOL

Rosângela de Sena Almeida
Doutoranda em Memória Social/UNIRIO
prof.rosangelasena@gmail.com

O estádio Jornalista Mario Filho, conhecido como Maracanã, desde sua inauguração em 16 de junho de 1950, foi palco de memoráveis jogos de futebol e de variados espetáculos culturais, artísticos e religiosos. Bem mais que um estádio de futebol tornou-se, com o passar dos anos, um dos símbolos do Rio de Janeiro, o cartão postal da zona norte carioca, constando no roteiro turístico oficial da cidade.

Sua construção teve início em 02 de agosto de 1948, com o intuito de sediar a Copa do Mundo de 1950. Chamado, inicialmente, de *Estádio Municipal*, deslumbrou o mundo por

sua originalidade, sua forma plástica, extrema funcionalidade e segurança, entretanto, posteriormente, foi batizado de Estádio Jornalista Mario Filho, numa homenagem ao renomado jornalista e proprietário do Jornal dos Sports, por seu incentivo à construção do estádio.

Apesar da frustração pela derrota no jogo final da Copa do Mundo de 1950, o Brasil organizou um evento inesquecível e com um público recorde que só foi superado décadas depois. Em 30 de outubro de 2007, a Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) anunciou oficialmente o Brasil como o organizador e sede da Copa de 2014. Assim, mais de cinquenta anos depois o país volta a sediar uma Copa do Mundo e outra vez a cidade do Rio de Janeiro e o estádio do Maracanã serão contemplados com o jogo final desta competição.

Atualmente não é mais o maior estádio do mundo, contudo é notório o valor simbólico

que o estádio de futebol do Maracanã tem para futebol nacional e para sociedade brasileira. Ao sediar inúmeras competições nacionais e internacionais, este estádio dá voz ao orgulho do brasileiro em ser o melhor do mundo em alguma seara, o único país a ter participado de todas as Copas do Mundo, o único pentacampeão do mundo e, em breve, o estádio que será palco das partidas finais de duas Copas do Mundo.

Um lugar de memórias ou guardião de memórias

O estádio do Maracanã é um espaço promotor de eventos culturais e esportivos na contemporaneidade que provoca experiências concretas e subjetivas, desperta lembranças e rememorações e media narrativas biográficas e etnográficas.

Apresentando-se como um guardião de memórias locais, da memória de uma comunidade e de uma prática

cultural/esportiva, nosso objeto de estudo se configura nas três dimensões que permeiam o conceito de lugar de memória: a simbólica, pois está investido de uma aura imaginária, de traço imaterial; a funcional por sua utilidade, sua funcionalidade primeira de local de partidas de futebol e a material por ser a materialidade de um projeto arquitetônico constituído dos aspectos físico, artístico e estético.

Perceber a complexidade dos sentidos de *lugar de memória* é condição imprescindível para o entendimento deste trabalho, para tanto, recorro a Pierre Nora (1993) que apresenta definições sobre tal conceituação. O autor entende que

São lugares, com efeito, dos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos (NORA, 1993, p.21).

Os lugares de memória são compostos de sentidos que ampliam os seus significados e sua existência. Nora (1993) afirma que um

mesmo lugar pode ser material, simbólico e funcional. Um prédio, por exemplo, o estádio do Maracanã que é nosso objeto de estudo, pode ser simbólico, se existir sobre ele uma aura imaginária, algo que crie da sua materialidade um significado. Funcional pelo seu papel executado, pelo ritual que cerca a sua existência e material por ser um prédio concreto. Os três aspectos que caracterizam os lugares de memória coexistem:

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p.22).

Pierre Nora admite que o lugar de memória é criado intencionalmente, assim, é preciso ter vontade de memória, na falta desta intenção/vontade de memória, o que ocorreria é que “os lugares de memória seriam lugares de história” (1993, p.22).

O autor ainda considera que a intervenção da história e do tempo é fundamental para a existência dos lugares de memória. Nessa relação entre a memória e a história, tão presente nas palavras de Nora, quais seriam as razões para a existência dos lugares de memória.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido no mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p.22).

Nas palavras de Nora (1993) a duplicidade dos lugares de memória, permite uma amplitude de compreensões e, conseqüentemente, uma diversidade de lugares. Esses lugares não precisam ser apenas aqueles dos grandes monumentos, que guardam ou tentam guardar uma memória nacional, podem ser também aqueles lugares

que se constituíram como guardiões, tentativa de parar o tempo, das memórias locais, da memória de uma comunidade ou de uma prática cultural.

Podemos observar a amplitude do conceito lugares de memória, que segundo o autor são muitos, do material ao simbólico, são: lugares portáteis, topográficos, lugares monumentais. Estes lugares são variados, tanto quanto as possibilidades da memória, e consequentemente, quanto as suas ampliações.

Porém, Nora faz uma distinção entre estes lugares que “conservam seu significado em sua existência intrínseca” e aqueles que se constituem, conjuntamente, construídos pelo tempo e por significações de relações complexas entre seus elementos e, portanto, seriam “espelhos do mundo ou de uma época” (1993, p.26). Estes lugares de memória, assim o são exatamente pelo seu significado temporal histórico, mais do que pela sua arquitetura, pelo seu valor e significado em si.

O autor nos lembra ainda dos lugares de memória que escapam desta relação material, como podemos observar no trecho abaixo:

Desdobrar-se-á o leque dos lugares nitidamente consagrados a manutenção de uma experiência intransmissível e que desaparecem com aqueles que o viveram, como as associações de antigos combatentes, aqueles cuja razão de ser também passageira é de ordem pedagógica como os manuais, os dicionários, os testamentos ou os livros de razão que, na época clássica, os chefes de família redigiam para o uso de seus descendentes (NORA, 1993, p.26).

São os lugares de memória marcados pelo traço do simbólico, do imaterial, dos lugares próximos às experiências vivenciadas.

Um patrimônio

A palavra patrimônio nos remete a vários significados, muitos dos quais, a priori, pouco perceptíveis ou óbvios ou mesmo postos a serem iluminados com frequência. Perspectivas diversas se

apresentam a darem suas percepções também diferenciadas deste conceito.

Início meus pensamentos exatamente no ponto que acredito ser o de maior complexidade ao lidarmos com a concretude física de uma edificação. Afinal, numa visão superficial e utilitarista, um estádio nada mais é que uma construção arquitetônica com função e usos muito bem definidos pela comunidade que o constrói e pela que o utiliza.

Entretanto, um estádio de futebol extrapola esta concepção funcionalista e pouco aprofundada que poderíamos ter. Ao promover rotineiramente partidas esportivas, um estádio evoca memórias e subjetividades com a mesma ou maior frequência com que sedia estas partidas.

Sem a identificação de um valor qualquer (mágico, econômico, simbólico, artístico, histórico, científico, afetivo ou cognitivo), a preservação não será deflagrada, ainda que haja o perigo de destruição. (...) Há uma hierarquia de valores, que é mobilizada

politicamente para justificar a preservação ou a destruição dos chamados bens culturais (CHAGAS, 2009, p.36).

Quando pensamos que um objeto, lugar ou pessoa tem valor por sua utilidade, reduzimos sobremaneira as suas potencialidades e de certa maneira também subestimamos tal coisa ou pessoa. Pois somos, pessoas e objetos, múltiplos de intenções, capacidades e sentidos, e a idéia de percebermos a partir de uma perspectiva contribui para termos uma visão limitada e limitante que se traduz numa realidade fragmentada e despolitizada. Aqui dialogo com Chagas e seus escritos a respeito da relação entre lugar social e o conceito de patrimônio:

Dois ou mais sentidos podem ocupar um mesmo corpo patrimonial, uma vez que eles estão na dependência do lugar social que ao corpo é destinado. Esse lugar social, contudo, é dado pelas relações dos indivíduos e dos grupos sociais com o referido corpo, do que decorrem o seu alto grau de volatilidade e seu baixíssimo grau de fixidez. A capacidade de os corpos patrimoniais encarnarem múltiplos

sentidos contribui para a ampliação de tensões e conflitos (CHAGAS, 2009, p.43/44).

O que deve ser posto é que o domínio patrimonial tem uma dinâmica que empreende conversas com memórias, lembranças, esquecimentos e, portanto, encontra-se numa zona de embates simbólicos e culturais.

Uma marca de reconhecimento identitário

Nos anos iniciais do século XX, o futebol ganhou uma visibilidade e uma relevância no cenário social brasileiro de tal maneira que a mobilização do povo e do governo para sediar o Mundial de 1950 foi exitosa. No imaginário brasileiro, sagrar-se campeão mundial de futebol relevaria a grandeza da nação de então.

Ganhar uma Copa do Mundo pela primeira vez e em solo brasileiro, num estádio construído nesta intenção, seria constatação indubitável da força e liderança do país

naquela seara e poderia mostrar-se como reflexo de outras instâncias nacionais.

Assim pode-se vislumbrar a decepção trazida pela derrota na final para o Uruguai. Afinal foi uma final de mundial inesquecível para os brasileiros, pela profundidade do sentimento de tristeza advindo da surpresa inesperada da perda.

A força com que este esporte se apresenta nas formas de reconhecimento identitário do brasileiro nos fez perceber a importância de adotar o conceito de identidade nacional como uma das principais categorias de análise neste estudo.

Não há como analisar um espaço que congrega semanalmente partidas de futebol de repercussão nacional e internacional sem dialogar com o conceito de identidade nacional. Motivo pelo qual esclareço como tal conceito é entendido neste trabalho, utilizando os pensamentos de Stuart Hall:

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p.49).

Analiso o processo de construção da identidade nacional do brasileiro tendo como um emblema o estádio do Maracanã, considerado por muitos o templo do futebol brasileiro. Utilizo, para tanto, um corte cronológico que se situa entre dois momentos significativos deste esporte dos quais este estádio participa, concomitantemente, como cenário e protagonista: as finais de duas Copas do Mundo – de 1950 e de 2014.

Um local em que há o encontro de pessoas vindas dos mais diversos lugares da cidade e mesmo do país, como a intenção, a priori, de participar de um jogo se constitui, com o passar dos tempos e pela força de uma ritualística que se repete, um lugar de manutenção e de reconfigurações de

identidades pelo seu poder simbólico. Assim, coaduno com Stuart Hall quando afirma que

as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2003, p.50).

O Maracanã torna-se, então, a marca de uma representação identitária para o brasileiro.

Daí a importância deste estudo na medida em possa se constituir em referencial que dê subsídios aos indivíduos e a sociedade em geral sustentar debates e propiciar momentos reflexivos acerca de questões relativas à identidade nacional e à memória social de um povo e possibilitar a reflexão crítica sobre espaços e lugares esportivos ritualizados e a análise do processo de patrimonialização de bens culturais a partir de uma historicidade mediada.

Referências bibliográficas

CHAGAS, Mário de Souza. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 32, p.15-25, 2005.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v.10, 1993.